

O EFEITO CÓLERA EM MEIO AS MUTAÇÕES IDEOLÓGICAS DO PUNK BRASILEIRO

Tiago de Jesus Vieira¹
E-mail: [tiagoveira@hotmail.com]

RESUMO: Esse artigo tem a finalidade de utilizar dois álbuns da banda Cólera, como elementos interlocutores para explicitar o conturbado contexto da produção das identidades *punk* no decurso da década de 1980. Período este definido por Janice Caiafa como de “caos ideológico” – em função de tamanha heterogeneidade comportamental –, mas também visto por Rafael Lopes Souza como início da “mutação ideológica” – devido à procura dos *punks* por homogeneidade nas suas ações. Em meio a este cenário inserem-se os álbuns Tente mudar o amanhã (1985) e Pela Paz em Todo Mundo (1986) que inevitavelmente contribuíram para fomentaram internamente o debate identitário. Nesse sentido, a partir da análise destes álbuns visa-se observar como estes se inseriram nesse processo de “composição ideológica *punk*” no Brasil. Pois, os álbuns apresentam-se como espaços privilegiados para compreensão destas relações, uma vez que nestes é perceptível a transição temática, marcada cada vez mais pela busca pela paz em detrimento da violência.

Palavras-chave: Identidade; Juventude; Punk; Cólera; História.

THE CÓLERA EFFECT ON THE ENVIRONMENT CHANGES IDEOLOGICAL BRAZILIAN PUNK

ABSTRACT: This article is intended to use two albums Cólera band, as interlocutors elements to explain the troubled context of the production of punk identities during the 1980s period this defined by Janice Caiafa as “ideological chaos” - in the light of such behavioral heterogeneity - but also seen by Rafael Lopes Souza as “ideological mutation” - due to demand from punks for consistency in their actions. Amid this scenario are part of the album Try changing tomorrow (1985) and for Peace in All the World (1986) that inevitably contributed to internally fueled the identity debate. In this sense, from the analysis of these albums aims to observe how these are inserted in the process of “punk ideological composition” in Brazil. For the albums are presented as privileged spaces for understanding these relationships, since these are noticeable thematic transition, increasingly characterized by the search for peace over violence.

Keywords: Identity; Youth; punk; Cólera; History.

¹ Doutorando e Mestre em História pela Universidade Federal de Mato Grosso; Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia - Campus Sorriso. E-mail: tiagoveira@hotmail.com

AMNÉSIA (1985)²

*Isso é vida de animal
E assim não é legal
Tenho bronca da rotina
A vontade é destruir*

PELA PAZ (1986)³

*Tem vinganças religiosas,
Tem vinganças de raças,
Tem vinganças de governos
Tenho medo da guerra.
Mas quem se importa?
Mas quem se importa?
Eu me importo, eu me importo!
Pela paz, pela paz
Pela paz em todo mundo!*

Uma breve leitura dos trechos de música expostos acima, logo evidencia uma imensa distância temática entre ambas as letras, contudo o surpreendente é que estes dois excertos foram extraídos de canções da mesma banda Cólera, e estão separadas cronologicamente por apenas um ano. Nesse sentido, cabe inicialmente estabelecer alguns questionamentos sobre: Quais são os fatores por trás de tamanha disparidade temática? Seria incoerência temática ou fruto de alguma situação exterior a banda? Como esta discrepância temática pode contribuir para compreensão da história do *punk* no Brasil?

De fato ao fazer uma análise apenas das músicas enquanto texto, dissociado do contexto, torna-se praticamente impossível não vislumbrá-las como contraditórias ou incoerentes, levando em consideração o viés ideológico. No entanto, se a análise privilegiar uma perspectiva plural, logo poderá se deparar com o acontecimento na dimensão proposta por Michel Foucault, na qual esse assume função de “relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e outra que faz sua entrada, mascarada⁴”, esta concepção de acontecimento se apresenta como um impar ponto de partida para a investigação social, pois pode “enunciar o múltiplo onde antes só se via a linearidade⁵”. Seguindo tal perspectiva no estudo das identidades se permitirá subverter o próprio termo – a palavra identidade deriva do latim *idem* (idêntico), que por sua vez remete *ae-*

2 Extraído da música: CÓLERA. Amnésia. Interprete: Cólera. In: Tente mudar o amanhã. São Paulo, lado A: faixa 09, 1 LP, 1985.

3 Extraído da música: CÓLERA. Pela Paz. Interprete: Cólera. In: Pela Paz em Todo Mundo. São Paulo, lado B: faixa 07, 1 LP, 1986.

4 FOUCAULT, Michel. Micro-física do poder. 23ª ed. São Paulo: Graal, 2007, p.28.

5 ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História a arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2006. p.13.

qualitas (uniformidade/ mar sereno)⁶. Pois, acabaria permitindo desvelar o contraditório, como assinala Margareth Rago “a história oferece identidades ao homem contemporâneo, já o genealogista coloca em cena um grande carnaval do tempo onde às máscaras reaparecem sem cessar”⁷.

Portanto, este trabalho busca a partir de uma análise dos dois álbuns que tiveram trechos de suas músicas contempladas na epígrafe, *Tente mudar o amanhã* (1985) e *Pela paz em todo mundo* (1986), estabelecer uma análise que visa mapear como a banda Cólera encaixa-se no contexto daquilo que o historiador Rafael Lopes Souza⁸ definiu como “mutação ideológica” no *meiopunk* brasileiro. Processo este que ocorreu entre a metade dos anos 1980 e início da década de 1990, esse por sua vez elucidou uma espécie de ressignificação de posturas ideológicas e abandono de algumas práticas de atuação que caracterizam a emergência do *punk* no Brasil, e conseqüentemente incidiu num direcionamento a não agressividade.

Desta forma, cabe inicialmente pontuar que a banda Cólera tem sua emergência em 1979, inserida no contexto do surgimento das primeiras bandas articuladas a temática do *punk* no Brasil. Conforme um estudo realizado por Antônio Bivar⁹ em 1982, o *punk* seria um movimento musical, que não se restringia apenas a aumentar a interação dos “consumidores” com os “produtores” das músicas de *rock n’ roll*, pois o *punk* teria por finalidade quebrar esta barreira fazendo com que cada pessoa pudesse ser produtor das suas próprias músicas, pautadas no ideal do “faça você mesmo” e com o transcorrer dos tempos este ideal foi levado mais além, o que abriu a possibilidades de criação não apenas musical, mas também de toda uma “cultura *punk*” no Brasil, uma vez que para tal autor o *punk* no país não seria apenas uma cópia de um gênero importado, pois se fundou em aspectos de classe popular.

Emergida neste meandro, a banda Cólera seguiu exemplarmente todos esses eixos expostos por Antonio Bivar, como elementos fundantes da ressignificação do *punk*, que ocorreu no Brasil. Pois, a política do “faça você mesmo” ficava nítida desde a fase de “aprendizagem” musical – marcada pela improvisação em que um sofá virou uma bateria, e os violões substituíram guitarra e baixo¹⁰– até as etapas mais sólidas da banda com a criação de seu próprio selo musical independente. Os elementos de classe popular davam-se em função de sua origem na Vila Carolina, bairro do subúrbio de São Paulo, no qual também surgiram várias outras bandas pioneiras *punk rock* nacional.

Contudo, o processo que levaria Cólera ao vanguardismo no tocante a difusão de temas inovadores no contexto do *punk* no Brasil caracterizado pela defesa do pacifismo, não se apresentou de forma totalmente uniforme, pois os próprios integrantes foram sujeitos de uma alternância de concepções ideológicas. Uma vez que, na fase inicial da banda

6 cf. SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.73-10. p. 83.

7 RAGO, Margareth. *Foucault, história e anarquismo*. Rio de Janeiro Achiamé, 2004. p.37

8 SOUZA, Rafael Lopes de. *Punk: Cultura de protesto, as mutações ideológicas de comunidade juvenil subversiva*. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

9 Bivar, Antonio. op. cit.

10 cf. BOTINADA: a origem do Punk no Brasil; Direção: Gastão Moreira. São Paulo: ST2 vídeo, 2006 (110 min), son, color.

(1979 – 1981) caracterizada pela formação original com Redson (baixo e voz), Pierre (bateria), Kinno (voz) e Hélio (guitarra). Neste primeiro momento a banda apresentava características comuns às outras bandas da Vila Carolina, como a exacerbação da violência, marca fundante dos (Condutores de Cadáver) banda que Hélio havia pertencido. Como exemplo de tal situação cabe ressaltar a música “Apocalíptico”, que apresentava no refrão os seguintes dizeres “*agitação, revolução destruição eu quero ver*”, e acrescentamais adiante “*a última gota de sangue/ a primeira a se derramar/ vou lutar*”. Ademais, a música também apresentava a seguinte mensagem “*Pra que buscar se você tem medo de achar/ pra que andar quando se pode descansar*”, ideia essa que foge totalmente àquilo que passaria a ser uma das principais bandeiras de atuação da banda nos anos seguintes.

Em 1981 com a saída de Hélio e Kinno, e a entrada de Val Pinheiro, que se tornaria o novo baixista, ao passo Redson passaria para guitarra e voz. Ao que tudo indica também marcou o início de um processo de “alteração temática” nas letras das músicas da banda, à medida que passaram a buscar a conscientização do sujeito e posteriormente levantar a bandeira do pacifismo internacional. É necessário frisar que esse processo deu-se de forma gradativa, a exemplo do que confere a letra de Amnésia – primeira música contemplada na forma de epigrafe deste trabalho – que foi lançada no álbum Tente Mudar o Amanhã (1985) e ainda apresenta uma postura extremamente agressiva, no sentido, que estimulava a destruição. Contudo, por mais que esta música possa ser considerada sintomática de toda a produção da banda num primeiro momento, a sua presentificação, bem como a de algumas outras até 1985, não podem ser tomadas como referências precisas daquele exato momento, no que concerne aos elementos ideológicos da banda. Pois, neste período o lançamento das músicas se protelava em demasia, devido às nítidas dificuldades de gravação de um álbum independente.

Cabe assim, analisar este álbum de maneira pormenorizada, procurando analisá-los buscando focalizar os elementos de permanências e rupturas no que competem as nuances ideológicas.

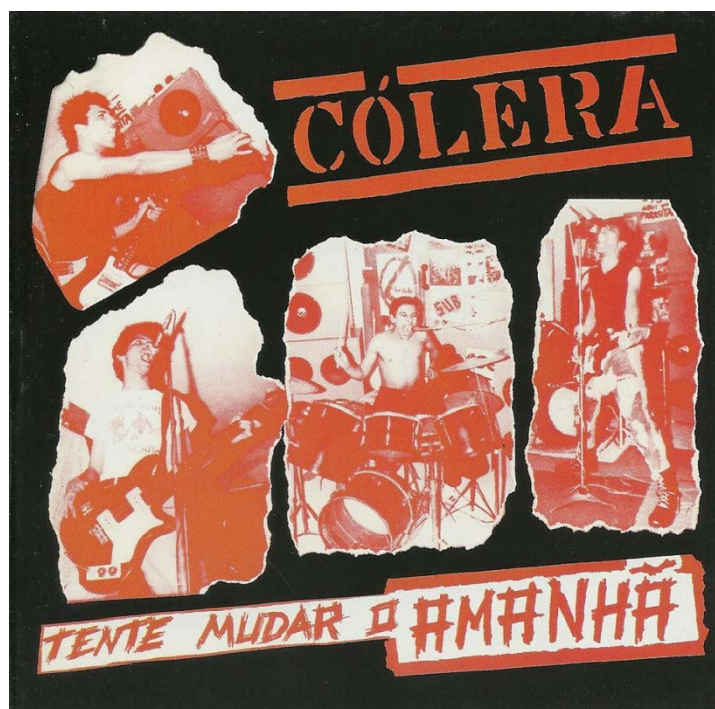


Figura 1: Capa do álbum: Tente Mudar o Amanhã (1985)

Desta forma, é necessário destacar que embora já houvesse participado das coletâneas Grito Suburbano (1982) e SUB (1983), e lançando a demo-tape 1.9.9.2 (1984), o álbum **Tente Mudar o Amanhã (1985)** configurou-se efetivamente como trabalho de estreia da banda, este que por sua vez foi produzido de forma independente, pelo selo Ataque Frontal, estede propriedade do próprio vocalista e guitarrista Redson, o que por sua vez garantiu plena liberdade na composição deste trabalho que contou com 20 músicas dispostas da seguinte forma: *Lado A*; 1-1.9.9.2; 2 – Marcha; 3 – Nabro 3; 4 – São Paulo; 5 - C. D.M.P.; 6 – Agir; 7 – Palpebrite; 8 – Duas Ogivas; 9 – Amnésia; 10 – Passeata”; *Lado B*; 1 – Amanhã; 2 – Eu Não Sou Você; 3 – Rasgando no Ar; 4 – Burgo – alienação; 5 – Sarjeta; 6 – Distúrbios; 7 – Violar suas Leis; 8 – Condenados; 9 – Não Existe Mais; 10 – Em Você.

Neste disco é possível focalizar questões bem recorrentes a época no meio *punk*, como a noção de ausência de futuro, que já havia se configurado como um dos principais lemas do *punk* inglês por intermédio da música *God Save The Queen*¹¹ da banda *Sex Pistols*, que elucidava (*não há futuro/ nos sonhos da Inglaterra*). Já na música C.D.M.P.¹² (Cidade Dos Meus Pesadelos) inaugura a noção de **Sem Futuro**, pois ao fazer referência aos grandes centros urbanos brasileiros apresenta que, na cidade pode-se encontrar (*um monte de lixo, um monte de lixo/ e pelas esquinas vai encontrar/ muitos mendigos, muitos*

11 Extraído da música: SEX PISTOLS. *God Save The Queen*. Interprete: Sex Pistols. In: *Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols*. Londres: Inglaterra, faixa 05, 1 LP, 1977.

12 Extraído da música: CÓLERA. C.D.M.P. Interprete: Cólera. In: *Tente mudar o amanhã*. São Paulo, lado A: faixa 05, 1 LP, 1985.

mendigos) e adiante expõe a incidência da violência exacerbada (*dia e noite pode escutar/ tiros e gritos, tiros e gritos/ e no asfalto você vai olhar/ sangue cuspidor, sangue cuspidor*). Aparentemente este cenário numa contraposição com o não há futuro dos *Sex Pistols*, buscou desvelar que no Brasil futuro se colocava como algo mais perverso, pois a iminente violência cotidiana retirava até mesmo a margem para os sonhos.

Nesse sentido, é interessante destacar que a preocupação com a violência cotidiana também é contemplada em outras músicas deste álbum com destaque para a música São Paulo¹³, que versa acerca da violência policial ao enunciar (*A violência da polícia/ Puta-merda que vergonha/ Quando isso vai mudar/ Puta-merda de lugar/ Ooh! Ooh! Ooh! Cidade!!!*). A questão da violência policial também é exposta na letra de Passeata¹⁴, que apresenta os artifícios usados por estes para conter as manifestações (*Gás - Gás, Bomba - Bomba*), também é importante constatar que esta música propõe como resposta a esta ação uma reação (*Vamos enfrentar, vamos enfrentar!/ Todos na rua vamos gritar/ Contra o fascismo, temos que enfrentar/ Enfrentar!!!*). De modo que, esta música em conectividade com a canção Amnésia¹⁵ – do mesmo álbum – elucidarecorrênciado agir agressivo, e mesmo que de forma indireta ainda indica uma apologia à violência, que era algo recorrente nas letras das músicas demais bandas *punk* da época.

Contudo, em contraposição a esta atuação mais violenta também é possível focalizar no referido álbum a música Amanhã¹⁶, que aparentemente crítica a atuação violenta de alguns *punks*, que comumente participavam – a época – de *gangs*, quando destaca na letra (*Ruas fechadas, gangs armadas/ Facas, ferros, armas mortais/ Por nada - por nada!/ Becos em rixa até com a polícia/ Brigam, matam, cantam e bebem/ Por nada - por nada!/ Corpos queimados, rostos cortados, Gente morta ou mutilada*). Sendo que, esta exacerbção da violência por parte dos *punks* aparentemente passa ser algo que começa a incomodar a banda, com destaque para a música Agir¹⁷ que elucidada estas ações não serem benéficas para a coletividade *punk* ao versar (*Você é um idiota/ Esta atrapalhando/ Você não sabe agir*).

Esta preocupação em repensar os modos de ação, sobretudo no que compete a violência dos *punks*, embora ainda fosse uma questão minoritária nas músicas do álbum Tente Mudar o Amanhã (1985), já se configurava como um elemento sintomático daquele contexto. Pois as letras destas músicas claramente foram direcionadas para grande parte dos *punks* da região metropolitana de São Paulo, que a época possuíam modos de atuação fundamentados na violência, e por vezes isso ocasionava uma espécie de “guerra” entre os próprios *punks*, esta que também estava relacionada com uma questão identitária, pois um dos principais elementos motivadores do conflito era saber “qual grupo *punk* era mais *punk*”.

13 Extraído da música: CÓLERA. São Paulo. Interprete: Cólera. In: Tente mudar o amanhã. São Paulo, lado A: faixa 04, 1 LP, 1985.

14 Extraído da música: CÓLERA. Passeata. Interprete: Cólera. In: Tente mudar o amanhã. São Paulo, lado A: faixa 10, 1 LP, 1985.

15 Extraído da música: CÓLERA. Amnésia. op. cit.

16 Extraído da música: CÓLERA. Amanhã. Interprete: Cólera. In: Tente mudar o amanhã. São Paulo, lado B: faixa 01, 1 LP, 1985.

17 Extraído da música: CÓLERA. Amanhã. Interprete: Cólera. In: Tente mudar o amanhã. São Paulo, lado A: faixa 06, 1 LP, 1985.

Esse momento de “guerra” entre os *punks* foi estudado por Helenrose da Silva Pedroso e Heder Augusto de Souza¹⁸ em 1983, e evidenciou que praticamente inexistia qualquer forma de união entre os *punks* paulistas. De fato, o cenário era marcado pelo extremo oposto, devido à existência de diversos grupos com representações muito distintas do que seria *punk*. O que também foi focalizado por Janice Caiafa¹⁹ num estudo realizado no mesmo ano no Rio Janeiro. Tal proposição levou a autora a cunhar o conceito de “caos ideológico”.

Portanto, os primeiros autores ao explorar a temática da violência entre os *punks*, evidenciaram que esta estaria relacionada com a representação de que os *punks* tinham, do que era *punk*. Uma vez que a representação majoritária pautava-se na ideia de que o indivíduo *punk* era “sujo, podre, violento, anti-burguês, anti-hippie, anti-moda, e o visual era o escrachado”²⁰. E para a manutenção desta imagem era necessária à atitude violenta. Sendo assim, a própria identidade produzida pelos *punks*, estimulava o conflito.

Em última instância isto levava a uma grande rivalidade entre estes grupos, que frequentemente tornavam-se *gangs*. Este conflito entre os *punks*, nos anos seguintes transpôs a dimensão da *gang*, ganhando dimensão de guerra entre os *punks*. Envolvendo os da “city” – São Paulo –, contra os do ABC. Cabe acrescentar que um dos argumentos tomados pelos *punks* do ABC, para existência desse conflito, pautava-se na ideia de que os *punks* da cidade São Paulo, eram os supostos “mauricinhos” e não eram tão suburbanos quanto eles, o que não dava a eles o direito de “ser” *punks*²¹.

*Essa guerra de posturas – identitárias – foi extensamente trabalhada por Antônio Carlos de Oliveira, numa análise que se centrou no período entre 1982 e 1984. Nesta análise foi constatada que a valorização da violência era demasiada, pois a “cultura punk, essa poderia ser entendida de formas diferentes, assim o vandalismo, a violência, [...] a suástica, certos comportamentos considerados “bizarros” e anti-sociais eram aceitos por grande número de jovens”²². Desta forma, o autor pontua que essa a valorização da violência como atributo realçado pelo *punk*, tratava-se de uma característica majoritária²³. O que em última instância resultou na morte de um *punk* por outro em 1984²⁴. Por outro lado, os *punks* que investiam no combate a esta postura, correspondiam a um grupo extremamente minoritário, que num primeiro momento usavam os *fanzinese*/ou os panfletos de *shows* como mecanismo para o “enfrentamento de posturas”, como narrado abaixo:*

O panfleto avisava que quem comprasse os ingressos com as bandas até 6 de março ganhava condução grátis e ainda “não marque, não destrua os ônibus, eles serão uteis nos próximos shows. **Paz entre os punks**. Não esqueça os documentos” [...] No show [...] ainda se notou falta de informações e de iniciativa permanente

18 PEDROSO, Helenrose S.; SOUZA, Heder. Absurdo da Realidade: O Movimento Punk – Cadernos de Pesquisa IFCH – Campinas/Unicamp, 1983

19 CAIAFA, Janice. Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

20 PEDROSO, Helenrose S.; SOUZA, Heder. op. cit., p. 84

21 Idem, Ibid., loc. cit.

22 Idem, Ibid., p.29

23 Idem, Ibid., p.80

24 Idem, Ibid., p.49

no público. A maioria não sabia o que queria fazer, ninguém agitava a ponto de ser acompanhado, por fim **como sempre briga** ou outra quase prendeu muita gente por uma hora depois de ter acabado definitivamente o show de bandas”²⁵.

O trecho acima ilustra a dificuldade que as mensagens escritas, que visavam estabelecer uma “consciência” diária e o pacifismo entre *punkstinhos* em penetrar em atitudes já cristalizadas por boa parte destes. Cabe ressaltar que este cenário se apresentou de forma mais aguda, sobretudo, na primeira década de 1980. Em decorrência da dificuldade de penetração desta conscientização no meio *punk* pelo viés tradicional do *fanzinepunk*²⁶, que aparentemente incidiu que a banda *Cólera* buscasse inovar por meio da difusão de tais mensagens nas músicas pela sua incrível força de alcance “Toda gente sabe: verso e música são as expressões de arte mais próximas do analfabeto. Conjugados assumem um poder de comunicação que fura a sensibilidade mais dura”²⁷.

Sintomático desta preocupação com repensar a ação do *punk* em 1986 a banda *Cólera* lança o **Pela Paz em Todo Mundo**²⁸, produzido também de forma independente pelo mesmo selo Ataque Sonoro, este trabalho contou com 14 músicas dispostas da seguinte forma: *Lado A*; 1 – Medo; 2 – Funcionários; 3 – Somos Vivos; 4 – Alternar; 5 – Multidões; 6 – Direitos Humanos; 7 – Guerrear; *Lado B*; 1–Vivo na Cidade; 2 –Humanidade; 3 –Alucinado; 4– Continência; 5 –Não Fome!; 6 –Adolescente; 7 –Pela Paz.



Figura 2: Capa do álbum: Pela Paz em Todo Mundo (1986)

25 OLIVEIRA, Antônio Carlos de. Os fanzines contam uma história sobre punks. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006, Grifo meu, p. 35.

26 Cabe ressaltar que num período anterior o próprio Edson Lopes Pozzi (Redson) vocalista da banda já havia se lançado na tarefa de confeccionar fanzine.- Vix punk 1980 – 1981.

27 MACHADO Apud Moraes, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221. 2000, p. 204.

28 Extraído da música: CÓLERA. Pela Paz em Todo Mundo. Interprete: Cólera. In: São Paulo, lado B: faixa 07, 1 LP, 1986.

Este álbum que se coloca como um disco de vanguarda no contexto do *punk* mundial, pois se configurou como o primeiro álbum de uma banda *punk* com aspecto claramente pacifista. Com destaque, para a canção *Pela Paz*²⁹ que deixa claro esta preocupação ao colocar na forma de refrão os dizeres (*Eu me importo, eu me importo/ pela paz, pela paz!/ pela paz em todo mundo!*).

Também é interessante observar que ao tomar como elemento central deste trabalho a questão da busca pela paz, estes postulados vinham a bater de frente com a postura que era majoritária entre os *punks*, que era conflitiva e de exacerbação da violência. De modo que, na maioria das músicas pode ser encontrado um eixo de articulação, que circula entre preocupação com o indivíduo em sua relação com a sociedade, e passa pela elucidação do pacifismo, como é notório na música *Humanidade*³⁰ ao propor ao sujeito que (*Pense mais na sua vida/ Na situação do mundo/ Lute mais pela existência/ Da justiça e da Liberdade!*), uma vez que isto seria um ato (*Por toda humanidade/ Por todas vidas em geral*).

Esta preocupação colocar o sujeito como elemento fundante da violência, também pode ser contemplada em outras músicas que tem como eixo central a questão bélica, como no casoda música *Guerrear*³¹ que em seu refrão já enuncia que (*Nós não nascemos para guerrear!*), e em *Continência*³² onde na primeira parte da música a voz é colocada com finalidade transparecer que Redson (vocalista) esta proferindo ordens a um batalhão (*Olhar pra frente, marchar soldado/ Limpar, lustrar canhão/ A continência, direita voltar/ Morrer pro Gal. vencer*), ao passo que na segunda parte inserir-se o cântico no ritmo da música estabelece-se uma quebra nesta lógica, criando um aspecto de ironia quando acompanhado dos versos seguintes (*Se tiver sorte e não morrer/ Atordoado vai ficar/ Todo ruído que escutar/ Da morte você vai lembrar*).

É exemplar desta preocupação na relação indivíduo/sociedade a música *Somos Vivos*³³, que no primeiro momento da música parte do sujeito, estabelecendo um momento para auto-reflexão ao pontuar (*Sempre, sempre suicido/ meu orgulho pessoal/ Porque a gente nunca sabe/ Se sabemos pra valer*) e na sequencia desencadeia na relação deste indivíduo com a multiplicidade do social (*Quando pego o trem subúrbio/ Caio dentro do real/ Cada um é um universo/ Face a face com você!*), ao final esta canção destaca que (*Somos vivos/ Mas nascemos sempre que erramos*).

Esta música tem para além dessa relação indivíduo/sociedade, uma proposta que se funda no repensar cotidiano das ações, bem como na valorização do erro como algo benéfico para futuras atuações, que por sua vez vem a desencadear na própria trajetória da

29 Extraído da música: CÓLERA. *Pela Paz*. op. cit.

30 Extraído da música: CÓLERA. *Humanidade*. Interprete: Cólera. In: *Pela Paz em Todo Mundo*. São Paulo, lado B: faixa 02, 1 LP, 1986.

31 Extraído da música: CÓLERA. *Guerrear*. Interprete: Cólera. In: *Pela Paz em Todo Mundo*. São Paulo, lado A: faixa 07, 1 LP, 1986.

32 Extraído da música: CÓLERA. *Continência*. Interprete: Cólera. In: *Pela Paz em Todo Mundo*. São Paulo, lado B: faixa 04, 1 LP, 1986.

33 Extraído da música: CÓLERA. *Somos Vivos*. Interprete: Cólera. In: *Pela Paz em Todo Mundo*. São Paulo, lado A: faixa 03, 1 LP, 1986.

banda, no que concerte esta alternância temática. Pois, se num primeiro momento a violência era uma constante e ainda estava presente no álbum *Tente Mudar o Amanhã* (1985), como exposto na música *Amnesia*, questões externas a banda como a “Guerra entre os *punks*” fizeram com que a banda também passasse pelo processo que Rafael Lopes Souza definiu como “mutação ideológica”, ao qual muitos *punks* nesse período foram submetidos. De modo que, em *Pela Paz em Todo Mundo* (1986) a questão da violência é suplantada pela busca por um pacifismo mundial.

Contudo, este processo de “mutação ideológica” no amago da banda não foi automático, nem se deu da noite para o dia. Pelo contrário desenvolvimento deu-se de forma gradativa, sobretudo entre 1981 a 1986, e também foi estimulado por questões exteriores, como destaque as relativas ao meandro *punk* na região metropolitana de São Paulo naquele período, que demandou a banda estabelecer uma demarcação de diferença para com algumas práticas exercidas por alguns *punks* a época, em especial a exacerbação da violência. De modo que, o caminho percorrido pela banda *Cólera* remete ao “entrelaçamento das necessidades e intenções de muitas pessoas sujeitas cada uma delas individualmente a compulsões que nenhuma pretendeu. [Aos] atos e obras de pessoas isoladas, entremeados na trama social, assumem uma aparência que não foi premeditada”³⁴.

No entanto, é válido ressaltar que a emergência de referenciais que propunham uma abordagem mais reflexiva e não agressiva já poderiam ser focalizada desde o início da década de 1980 nas músicas produzidas pela banda. Contudo, é a partir de 1986 a referida banda se inserir na vanguarda no tocante ao pacifismo associado à postura *punk*.

Cabe ressaltar que estes novos postulados trazidos pela banda *Cólera* para repensar a atuação do sujeito perante a sociedade foram significativas no quadro geral da composição ideológica da identidade *punk*, durante a segunda metade da década de 1980 na região metropolitana de São Paulo.

Por fim, quando se aborda a temática da identidade *punk* é sempre válido lembrar como destacou Michel de Certeau que “o modo como uma representação é concebida e circula pelo universo cultural não indica de modo algum o que ela significa para seus usuários³⁵”, o que por sua vez dá margem para incessantes rearranjos no campo das identidades. Sendo que, no caso específico destas posturas que se vinculam ao *punk*, muitos estudos passaram a emergir a partir de finais da década de 1980 e principalmente a partir da década de 1990, e deram conta de contemplar este imenso mosaico identitário. Sobretudo quando estes estudos passaram a ser mais frequentes no bojo das universidades. De modo que, nos últimos 20 anos, muito significativa tem sido a contribuição de diversos estudos que ajudam a compreender a constituição da identidade *punk* nas mais distintas localidades

34 ELIAS, Norbert. *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.58.

35 CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer*. 2ª ed. Tradução Epharaim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 40

brasileiras, como Belém³⁶, Brasília³⁷, Cuiabá³⁸, Curitiba³⁹, Fortaleza⁴⁰, Ilha Solteira⁴¹, João Pessoa⁴², Juiz de Fora⁴³, Porto Alegre⁴⁴, Londrina⁴⁵, Recife⁴⁶, Ribeirão Preto⁴⁷, São Paulo⁴⁸ e Uruguaiana⁴⁹. Em ambos estes trabalhos houve uma preocupação de não tomar a identidade *punk* como algo rígido e extremamente fechado, ao contrário estes trabalhos inclusive apresentaram de forma bem clara, como a identidade *punk* não pode ser compreendida de maneira essencialista. Isso porque nestes trabalhos foi tomado o devido cuidado

- 36 BAÍA, Deylane Corrêa Pantoja. StraightEdges em Belém: jovens, vegetarianismo, estilos de vida na contemporaneidade. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2008.; RAMOS, Paula Francinete. A gestão na diversidade: “tribos urbanas” e escola- uma análise das relações de sociabilidade juvenil e educação escolar na região metropolitana de Belém do Pará. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013, Salvador/BA. Anais, 2013.
- 37 GONÇALVES, Hoana Costa. Dominação e Transgressão: A relação da violência do movimento punk com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985 – Uma leitura do movimento punk inglês em Brasília. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília/DF, 2006.; SANTOS, Caio Capella Ribeiro. I've got Straight Edge: postura antidrogas e veganismo político na cena Straight Edge de Brasília. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2012.
- 38 SANT'ANA, Ana Paula de. Punk Labirintos do Corpo: Movimento Punk em Cuiabá. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2009.
- 39 MORAES, Everton. “Deslocados, Desnecessários”: o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba 1990-2000). 2010. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC, 2010.
- 40 DAMASCENO, Francisco José Gomes. Sutil Diferença: O movimento punk e o movimento hip hop em Fortaleza - grupos mistos no universo cidadão contemporâneo. 2004. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.
- 41 VIEIRA, Tiago de Jesus. O punk nunca há de morrer: a trajetória da construção de identidades punk em Ilha Solteira-SP (1965 - 2001). 2012. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá - MT, 2012.
- 42 BASTOS, Yuriallis Fernandes. Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2004.
- 43 CORREA, Jimmy Klaus Lopes. Aos Berros: O grito internacionalista punk ecoa em Juiz de Fora. (1981-1987). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG; ALMEIDA, Amanda de Oliveira. O movimento punk sobre a ótica dos fanzines publicados na década de 1980 em Juiz de Fora. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (orgs.). Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar. Leopoldina/MG: Aspas, 2015. p.151 - 162.
- 44 PEREIRA, Angélica Silvana. Somos expressão, não subversão!: a gurizada punk em Porto Alegre. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000581842&loc=2007&l=cc6651bae2f9523f>>. Acesso em: 07 set. 2009.
- 45 TURRA NETO, Nécio. Enterrado mas ainda vivo!: Identidade Punk e Território em Londrina. 2001. 228 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente - SP, 2001.; CHICARELLI, Lucas de Godoy. Coletivo Cancrocítico: o fanzine como mídia radical e de defesa da identidade punk em Londrina. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo), Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2012.
- 46 BARROS, Lydia Gomes de. O Alto José do Pinho por trás do punk rock. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2005.
- 47 BARCELLOS, Jefferson Alves de. Música e Imagem: o movimento punk e seus desdobramentos na década de 1990. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.
- 48 GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. Ser Punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória. 2005. 290 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.
- 49 ALMEIDA, Carlinhos Knierim de. Jovens em Cena: O Punk em Uruguaiana. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Uruguaiana/RS, 2010.

ao demonstrar, como os materiais destinados a formação identitária sofreram rearranjo à medida que são (re)interpretadas em distintos contextos, devido o atravessamento dos elementos espaciais e temporais.

Referências Bibliográficas

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Revista Brasileira de Educação. n° 5, 1997.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História a arte de inventar o passado. Bauru: Edusc, 2006.

ALMEIDA, Amanda de Oliveira. O movimento punk sobre a ótica dos fanzines publicados na década de 1980 em Juiz de Fora. In: REBLIN, Iuri Andréas; RODRIGUES, Márcio dos Santos (orgs.). Arte sequencial em perspectiva multidisciplinar. Leopoldina/MG: Aspas, 2015. p.151 – 162.

BAÍÁ, Deylane Corrêa Pantoja. StraightEdges em Belém: jovens, vegetarianismo, estilos de vida na contemporaneidade. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais), Universidade Federal do Pará, Belém/PA, 2008.

BARCELLOS, Jefferson Alves de. Música e Imagem: o movimento punk e seus desdobramentos na década de 1990. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2008.

BARROS, Lydia Gomes de. O Alto José do Pinho por trás do punk rock. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2005.

BASTOS, Yuriallis Fernandes. Partidários do anarquismo, militantes da contracultura: um estudo sobre a influência do anarquismo na produção cultural anarco-punk. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – PB, 2004.

BIVAR, Antonio. O que é punk. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CAIAFA, Janice. Movimento Punk na Cidade: invasão dos bandos sub. Rio de Janeiro: Jor-

ge Zahar, 1985.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de Fazer. 2ª ed. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHICARELLI, Lucas de Godoy. Coletivo Cancrocítrico: o fanzine como mídia radical e de defesa da identidade punk em Londrina. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2012.

CORREA, Jimmy Klaus Lopes. Aos Berros: O grito internacionalista punk ecoa em Juiz de Fora. (1981-1987). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG

DAMASCENO, Francisco José Gomes. Sutil Diferença: O movimento punk e o movimento hip hop em Fortaleza - grupos mistos no universo citadino contemporâneo. 2004. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2004.

ELIAS, Norbert. A sociedade de Corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

FOUCAULT, Michel. Micro-física do poder. 23ª ed. São Paulo: Graal, 2007.

GONÇALVES, Hoana Costa. Dominação e Transgressão: A relação da violência do movimento punk com a inconformidade com a ditadura militar no Brasil nos anos de 1980 a 1985 – Uma leitura do movimento punk inglês em Brasília. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais), Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília/DF, 2006.

GONÇALVES, Paula Vanessa Pires de Azevedo. Ser Punk: a narrativa de uma identidade jovem centrada no estilo e sua trajetória. 2005. 290 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

HOBBSAWM, Eric. A revolução social 1945 - 90. In: HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: breve história do século XX 1914 – 1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 282 – 313

MACHADO Apud Moraes, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221. 2000, p. 204.

MORAES, Everton. “Deslocados, Desnecessários”: o ódio e a ética nos fanzines punks

(Curitiba 1990-2000). 2010. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. A história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p.267.

OLIVEIRA, Antônio Carlos de. Os fanzines contam uma história sobre punks. Rio de Janeiro: Achiamé, 2006.

PEDROSO, Helenrose S.; SOUZA, Heder. Absurdo da Realidade: O Movimento Punk – Cadernos de Pesquisa IFCH – Campinas/Unicamp, 1983.

PEREIRA, Angélica Silvana. Somos expressão, não subversão!: a gurizada punk em Porto Alegre. 2006. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nr-b=000581842&loc=2007&l=cc6651bae2f9523f>>. Acesso em: 07 set. 2009.

RAGO, Margareth. Foucault, história e anarquismo. Rio de Janeiro Achiamé, 2004.

SANT'ANA, Ana Paula de. Punk Labirintos do Corpo: Movimento Punk em Cuiabá. 2009. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2009.

RAMOS, Paula Francinete. A gestão na diversidade: “tribos urbanas” e escola- uma análise das relações de sociabilidade juvenil e educação escolar na região metropolitana de Belém do Pará. In: III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, 2013, Salvador/BA. Anais, 2013.

SANTOS, Caio Capella Ribeiro. I've got Straight Edge: postura antidrogas e veganismo político na cena Straight Edge de Brasília. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: _____ (Org.). Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.73-10.

SOUZA, Rafael Lopes de. Punk: Cultura de protesto, as mutações ideológicas de comunidade juvenil subversiva. São Paulo: Edições Pulsar, 2002.

TURRA NETO, Nécio. Enterrado mas ainda vivo!: Identidade Punk e Território em Lon-

drina. 2001. 228 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita”, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Presidente Prudente – SP, 2001.

VIEIRA, Tiago de Jesus. O punk nunca há de morrer: a trajetória da construção de identidades punk em Ilha Solteira-SP(1965 - 2001). 2012. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá - MT, 2012.